

Situação em Portugal

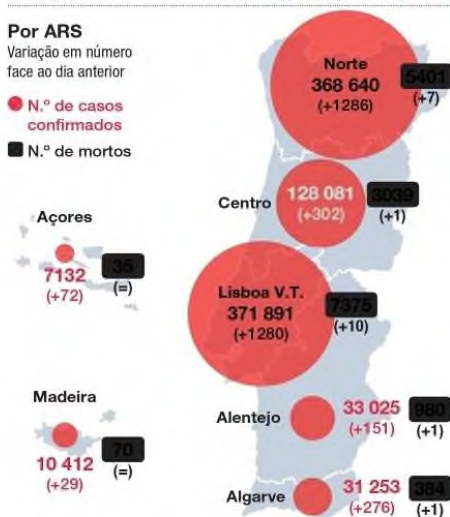
Boletim da DGS de 24 de julho, com variação face ao dia anterior

Casos confirmados	950 434	(+3396)	+0,4%
Casos ativos	52 782	(-752)	-1,4%
Mortos	17 284	(+20)	+0,12%
Recuperados	880 368	(+4128)	+0,5%
Internados	835	(-20)	-2,3%
Nos cuidados intensivos	181	(+3)	+1,7%
Em vigilância	82 924	(+1073)	+1,3%

Por ARS

Variação em número face ao dia anterior

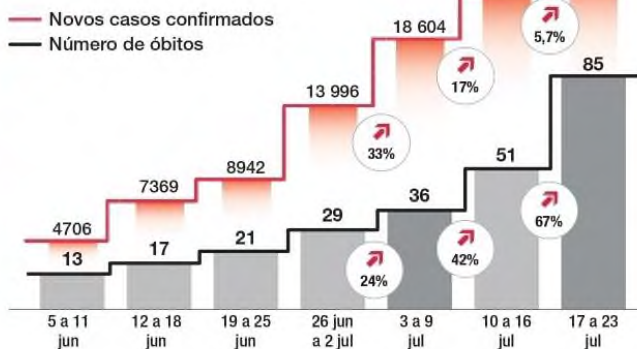
- N.º de casos confirmados
- N.º de mortos



FONTE: DGS-RELATÓRIO DE SITUAÇÃO - DADOS ATÉ 23 DE JULHO INFOGRAFIA JN

Evolução da pandemia

Acumulado 7 dias (sábado a sexta-feira)



Óbitos por faixa etária

Faixa etária	Total acumulado desde o início da pandemia	% do total	Total no período 10 a 23 de julho	% do total
0-9	2	0,01	0	0,00
10-19	2	0,01	0	0,00
20-29	12	0,07	0	0,00
30-39	45	0,26	1	0,74
40-49	159	0,92	3	2,21
50-59	480	2,78	5	3,68
60-69	1565	9,05	22	16,18
70-79	3705	21,44	39	28,68
+ de 80	11 314	65,46	66	48,53
Total	17 284	100,00	136	100,00

# Idosos morrem mais, mas não há reforço de vacina

Mais de 77% das vítimas mortais em 14 dias tinham mais de 70 anos. Peritos salientam fragilidade e garantem que imunidade se mantém muito elevada

Alfredo Maia  
amaia@jn.pt

**CASOS** Nos últimos 14 dias, das 136 pessoas que morreram em Portugal vítimas de covid-19, 105 tinham mais de 70 anos, mas especialistas ouvidos pelo JN afastam a necessidade de reforço da vacinação dos mais idosos, porque a “imunidade mantém-se muito elevada”.

Segundo o relatório de ontem da situação, 19 dos 20 óbitos de sexta-feira referem-se a pessoas com mais de 80 anos (13 casos) e do grupo dos 70 aos 79 (seis). Analisando os dados da Direção-Geral da Saúde entre os dias 10 e 23, o JN verificou que 77,2% das 136 vítimas mortais tinham mais de 70 anos.

O relatório das “linhas vermelhas” do Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge e da DGS indica que o grupo dos maiores

de 80 anos registou uma incidência cumulativa a 14 dias (até dia 21) de 128 contágios por 100 mil habitantes. Embora seja a segunda mais baixa, foi a que mais aumentou numa semana (+54%), o que “poderá vir a traduzir-se no aumento de internamentos e mortes nas próximas semanas”.

O imunologista Miguel Prudêncio, do Instituto de Medicina Molecular, crê que a maior transmissibilidade e a prevalência (quase total) da variante Delta do coronavírus SARS-CoV-2 ajudam a explicar os dados.

“Há muito mais vírus espalhados e mesmo as pessoas vacinadas estão expostas”, completa Miguel Castanho, da Comissão Técnica da Vacinação Covid, recordando que nenhuma vacina é 100% eficaz.

O problema é que a população idosa é mais frágil, muitas vezes com várias

SITUAÇÃO

Máximos de março

Na sexta-feira, registaram-se 20 óbitos, o número mais elevado desde 18 de março (21), e um total de 3 396 casos de contágio, confirmando-se a gravidade da situação. No território continental, a incidência de 430,8 casos por 100 mil habitantes.

Incidência cumulativa

O grupo etário dos 20 aos 29 anos registava, no dia 21, a incidência cumulativa a 14 dias dos contágios mais elevada, com mil casos por 100 mil habitantes. Segue-se o grupo dos 30 aos 39, com 660, e o dos 10 aos 19, com 614. Na infância (zero aos nove anos), era de 473.

doenças (comorbilidades). “Estes números seriam dramaticamente muito superiores se não fossem as vacinas”, enfatiza Miguel Prudêncio.

Tendo sido os primeiros vacinados, justifica-se uma terceira dose? “A posição da generalidade da comunidade científica é que não existe nenhuma indicação de que seja necessário para já”, afirma o especialista.

Os dados da monitorização das populações vacinadas indicam que “a imunidade é duradoura, robusta e que se mantém muito elevada”, sustenta. “A persistência da proteção imunitária está garantida, permitindo antever uma imunidade duradoura – e estamos a falar de anos”, acrescenta Miguel Castanho.

A hipótese de uma terceira dose só poderia colocar-se depois de toda a população estar vacinada, nota. ●